

BETAR & ARTES CLARAS



A primeira república

*Este mês há várias exposições
sobre este período da nossa história*

B
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Após um mês de férias, a Artes&Letras está de volta e promete trazer-lhe as melhores sugestões culturais. Em Setembro, as salas de cinema estão recheadas de boas opções, que José Mendonça não deixou escapar. O conselho passa pelos filmes *O Escritor Fantasma* e *A Dança*.

Na música, sugerimos um agradável fim de tarde de jazz no Chiado, uma noite ao som de Leonard Cohen ou a apreciar uma peça de ballet, ou ainda criações musicais actuais, no Festival Música Viva. Se preferir música clássica, veja as propostas de António Cabral.

Ao nível da arte, Portugal honra-se de receber obras de Pablo Picasso, em Cascais, e apresenta a história da Primeira República, em caricaturas, nos Paços do Concelho, em Lisboa. Quanto a teatro, a nova temporada do Teatro Nacional Dona Maria II abre com uma peça extraordinária, baseada em textos de Tennessee Williams, e a Culturgest com o português Jacinto Lucas Pires.

Para os momentos de lazer, caseiros ou na praia, José Mendonça e António Cabral sugerem alguns bons livros. Lá fora há a Bienal de Antiguidades, em Paris, e uma controversa exposição de fotografias, em Londres. Destaque também para a reforma das salas dedicadas a Velázquez, no Museu do Prado, em Madrid. Como de costume, Maria João Duarte apresenta-nos o que pode fazer no Porto.

Esperamos continuar a agradar-lhe!

Até à próxima!

TIAGO MENDONÇA

Este mês, a Artes&Letras sugere-lhe dois filmes franceses. Um thriller surpreendente e um documentário que lhe dá a conhecer a rigorosa escola francesa de ballet.

NO GRANDE ECRÃ

O Escritor Fantasma

Perfeito do início ao fim



Título original: The Ghost Writer
De: Roman Polanski
Com: Ewan McGregor, James Belushi, Jon Bernthal, Kim Cattrall,
Género: Thriller
Classificação: M/12
França, 2010, 128min

Um escritor-fantasma é contratado para escrever a autobiografia do antigo Primeiro-ministro britânico, Adam Lang, iniciada por um escritor que morreu acidentalmente. Mas, o que, à primeira vista, parece a oportunidade de uma vida, revela-se muito mais complexo e, à medida que o seu trabalho na escrita vai avançando, ele compreende que algo de sinistro existe em toda aquela história e uma suspeição paira sobre a morte do seu antecessor. De investigação em investigação, o escritor vai encontrando a mão da C.I.A. em todo o lado. O “quase detective” encontra um conjunto de documentos que, depois de decifrados, explicam que a mulher do Primeiro-ministro pertencia à C.I.A. O filme é muito interessante, por vezes um pouco intrincado, e o final é, ao mesmo tempo, belo e trágico: quando tenta apanhar um táxi, o escritor-fantasma sofre um acidente e os manuscritos compilados espalham-se no ar...

A Dança

A vida da Ópera de Paris



Título original: La danse - Le ballet de l'Opéra de Paris
De: Frederick Wiseman
Género: Documentário
Classificação: M/12
França, 2009, 159min

Trinta e oito filmes depois, Wiseman chega a Portugal. O cineasta, de 80 anos, assinou o primeiro filme, Ticut Follies, em 1967, e tornou-se um nome fundamental do documentário moderno. Ça prends du temps, em português: Leva tempo, é uma das primeiras frases do filme e refere-se à montagem de um bailado, mas também podia ser o resumo do método de Wiseman. Muitas das horas de filmagens são sobre a Ópera de Paris, das catacumbas aos directores... A dança não são só os bailarinos, mas todos os intervenientes. Os filmes de Wiseman são sobre instituições como organismos vivos. O cineasta explica: “há uma rotina nas instituições que me atrai. Não afirmo directamente um ponto de vista, faço-o através das sequências que escolho na montagem. O lugar onde as coloco é semelhante à estrutura de um romance. A diferença está no uso da imaginação. Estou limitado pelo que filmei e a minha imaginação trabalha a partir disso”.



clássicos O Barba Azul

Charles Chaplin comprou (por 5000 dólares) a ideia por detrás desta comédia sombria de Orson Welles, que planeava realizar um documentário dramatizado sobre o lendário Henri Desiré Landru, um assassino em série francês. O cineasta britânico trouxe à estória uma dimensão de sátira social, que reflectia e respondia à paranóia política crescente, característica dos anos da Guerra-fria.

Verdoux (Chaplin) é um burguês amável e encantador, que, devido à depressão económica, já não consegue sobreviver enquanto bancário. Decide então dedicar-se a uma actividade mais lucrativa: o casamento e assassinio de viúvas abastadas. Quando, por fim, é levado a tribunal defende-se, argumentando que, embora o homicídio individual seja condenado, a chacina, sob a forma de guerra, é glorificada:

“se matarmos um, somos vilões, se matarmos milhões, somos heróis. A quantidade santifica”. Semelhantes opiniões eram vistas com bons olhos na América dos anos 40 mas Chaplin foi alvo de ataques, cada vez mais intensos, por parte de políticos de direita. Começou assim uma caça às bruxas que terminaria em 1952, data em que ele abandonou os EUA.

As limitações económicas do pós-guerra obrigaram o realizador a um trabalho mais rápido e planeado do que em obras anteriores. Daqui resultou uma narrativa compacta que, nas palavras de um Chaplin sem falas modestias “é o filme mais brilhante e inteligente da [sua] carreira”.

Título original: Monsieur Verdoux
De: Charles Chaplin
Com: Charles Chaplin, Allison Roddan, Audrey Betz, Mady Correll, Robert Lewis
Género: Comédia
Classificação: M/12
EUA, 1947

As noites quentes de Setembro convidam a sair de casa. Em Lisboa, são diversos os locais onde pode passar um bom serão. Fique a conhecer o que pode ouvir por lá.



Leonard Cohen regressa a Portugal

Dia 10 de Setembro, pelas 21 horas, no Pavilhão Atlântico

MÚSICA

O grande senhor da música canadiana, Leonard Cohen, está de volta à sala que esgotou no ano passado. Músico, cantor, escritor e pensador, Leonard Cohen é um dos mais importantes nomes da história da música. Em concerto, revisita toda a carreira, e os espectáculos chegam a durar três horas. Este mês, o público português pode render-se, uma vez mais, aos múltiplos encantos desta personalidade quase mítica.

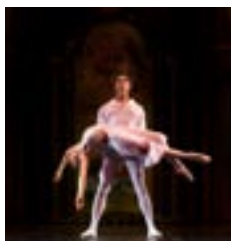


Passaporte para o Jazz

Dia 16 de Setembro, às 19 horas, no Governo Civil de Lisboa

MÚSICA

Este verão, o Governo Civil de Lisboa tem aberto as suas portas para concertos de jazz, todas as quintas-feiras da terceira semana de cada mês. A entrada é gratuita e os concertos inserem-se no projecto Passaporte para o Jazz, que pretende divulgar a música de jovens artistas e dinamizar os finais de tarde no Chiado. O próximo é no dia 16 de Setembro e o último será a 21 de Outubro.

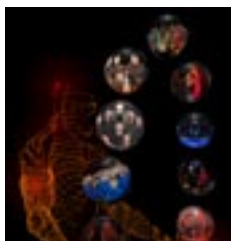


Romeu e Julieta pelo Moscow Ballet

Dia 24 de Setembro, às 21h30, no Coliseu Recreios

DANÇA

Romeu e Julieta conta-nos a história de amor trágico entre dois jovens. Escrita por Shakespeare, em 1579, é considerada por todos uma obra-prima. Este bailado consegue compilar a beleza da história, a nobreza dos movimentos coreográficos, e a composição mais elogiada de Prokofiev. Esta simbiose fez com que a obra fosse considerada a mais bela e intensa do repertório de dança clássica. Mais uma produção deslumbrante!



Festival Música Viva 2010

10 a 25 de Setembro na Gulbenkian, CCB, Jerónimos e Inst. Franco-Português

MÚSICA

Após 15 edições, o Festival Música Viva afirma-se no panorama nacional e internacional como um espaço de excelência da criação musical actual, ponto de convergência da música com a tecnologia. É um espaço de circulação, inovação e confronto de ideias, que conta com alguns dos mais prestigiados intérpretes da actualidade. É especialmente dedicado aos compositores portugueses, mas integram-no vários compositores estrangeiros. Este ano apresentará cerca de cem obras.



Concertos em Setembro por António Cabral

Em Setembro inicia-se a nova época de Concertos

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

8/9 às 19 e 21 horas; 11/9 às 19 horas;
19/9 às 18 horas; 21/9 às 21 horas

Um Festival Mozart com a Orquestra Gulbenkian e diversos Solistas que interpretam marcantes obras de Mozart, quer Sinfónicas, quer de Câmara. Neste Festival, o concerto do dia 11 é uma Ópera, “A Flowering Tree”, inspirada na “Flauta Mágica”, do muito conhecido compositor americano, John Adams (autor, entre outras, das Óperas: “Nixon em Pequim”, “El Nino”, “The Death of Klinghoffer”, “O Homem Atómico”). A Direcção da Orquestra é de Joana Carneiro que já criou a Ópera no estrangeiro.

23/9 às 19 horas (Grande Auditório)

Ainda o Festival Mozart. Freiburger Barockorchester, Coro Gulbenkian e Solistas. Versão de Concerto da Ópera de Mozart “Cosi fan Tutte”. Solistas de excepção numa das melhores Óperas de Mozart. A não perder.

29/9 às 19 horas e 30/9 às 21 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, Maestro Lawrence Foster e o pianista Evgeny Kissin, um dos mais conhecidos pianistas russos, a interpretar o “Concerto nº2” de Chopin. Outras obras do programa: a Abertura “O Carnaval Romano” de Berlioz e o “Concerto para Orquestra” do grande compositor polaco Lutoslavsky (1913-1994).

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

29/9 e 1/10 às 20 horas; 3/10 e 5/10 às 16 horas

Dona Branca – Ópera De Alfredo Keil (em versão de concerto)

Esteve para ser apresentada no ano passado. Já sobre ela escrevemos no Artes& Letras. Diremos somente que é cantada em italiano e que se baseia num poema de Almeida Garrett. Alfredo Keil (1850-1907), autor da música do Hino Nacional, é o melhor compositor de Ópera português.



CENTRO CULTURAL DE BELEM

20/9 às 21 horas. Pequeno Auditório

De Olivier Messiaen (1908-1992) “Quarteto para o fim do tempo”, pelo Messiaen Quartet. Escrito num campo de concentração, continua a ser uma das obras mais conhecidas do compositor francês.

21/9 às 21 horas. Grande Auditório

Orquestra Metropolitana de Lisboa; Direcção Cesário Costa. Concerto temático “À Descoberta da América”. Obras de Silvestre Revueltas (México) (1899-1940), Alberto Ginastera (Argentina) (1916-1983), Heitor Villa-Lobos (Brasil) (1887-1959) e José Pablo Moncaio (México) (1912-1958).

ARTES

Não são todos os dias que algumas obras de Picasso estão em território nacional. Aproveite este mês. Não perca também uma mostra sobre caricaturas da I República Portuguesa.

Los Linóleos Gravuras em linóleo de Pablo Picasso

Até 26 de Setembro, no Centro Cultural de Cascais



CORTESIA BANCA J.A.

Pablo Picasso dispensa apresentações. É considerado um dos artistas mais famosos e versáteis de todo o mundo, tendo criado milhares de trabalhos, da pintura à escultura, usando todos os tipos de materiais. Esta exposição reúne um raro e valioso conjunto de gravuras em linóleo, da autoria do artista espanhol.

A técnica da linogravura é similar à de entalhar sobre madeira: escava-se e corta-se com goivas e lâminas sobre o linóleo, ficando em relevo, unicamente, a imagem criada pelo artista, e sendo necessário gravar uma prancha de linóleo para cada cor. Para obter a imagem final, estampam-se sobre o mesmo papel todas as pranchas de linóleo por meio de uma prensa. Geralmente, estampam-se primeiro as cores mais claras e depois as mais escuras. Mas Picasso invertia o processo, obtendo cores mais vibrantes e menos uniformes. O artista inventou ainda um novo método: uma única prancha para todas as cores.

O Jogo da Política Moderna!

Até 23 de Setembro, nos Paços do Concelho

Viva a República!

Até 31 de Outubro, na Cordoaria Nacional

No âmbito das comemorações da I República, estão patentes, em Lisboa, várias exposições sobre esse período. Nos Paços do Concelho, está exposta uma coleção de desenhos humorísticos e caricaturas políticas e sociais, publicados na imprensa nacional, pelos humoristas da época. Durante o novo regime apareceram novos títulos de jornais, e com eles, uma nova geração de caricaturistas, como Almada Negreiros, Stuart Carvalhais e Bernardo Marques. Na Cordoaria Nacional, podemos viajar através de histórias, fotografias e filmes, entrar no espaço de um comício republicano, visitar o Rossio de há 100 anos ou reviver a travessia do Atlântico feita por Sacadura Cabral e Gago Coutinho.



TEATRO

Setembro traz consigo a nova temporada dos teatros. A abertura faz prever um ano repleto de peças magníficas. A Artes&Letras apresenta-lhe duas estreias surpreendentes.

Um Eléctrico Chamado Desejo

De 9 de Setembro a 31 de Outubro -
4.ª a Sáb. às 21h30 e Dom. às 16h

Tennessee Williams transformou o teatro americano do século XX com a peça Um Eléctrico Chamado Desejo. Considerada uma referência da dramaturgia contemporânea, esta peça é agora protagonizada por Alexandra Lencastre que interpreta a heroína, Blanche DuBois. A célebre frase de DuBois, “eu não quero realismo, quero magia”, reflecte a história de uma mulher literalmente atormentada, quer pelo seu passado, quer pela sua imaginação. DuBois é uma frágil e solitária beldade sulista, que decide visitar a sua irmã (Lúcia Moniz), que vive num bairro pobre de Nova Orleães. Blanche sente que se aproxima do fim do declínio da sua vida, mas acaba por se confrontar com o marido sexualmente agressivo de Stella (Albano Jerónimo), cujo temperamento rude tanto ofende como atrai a sua educada sensibilidade. As tensões crescem até atingirem um ponto de ruptura inevitável.

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: De €7,50 a €16

Encenação: Diogo Infante

Interpretação: Alexandra Lencastre, Lúcia Moniz e Albano Jerónimo



Sagrada Família de Jacinto Lucas Pires

De 16 a 18 e de 20 a 25 de Setembro, às 21h30

Pedro e Maria estão desempregados e o filho tem pesadelos com o mundo. Para resolver os problemas, Pedro pensa em criar uma religião. Miraculosamente, a micro-empresa familiar torna-se um sucesso, mas os pesadelos continuam. Pulsões estranhas, palavras novas, imagens apanhadas do ar por um filho sem idade e sem nome. Talvez a coisa só vá lá com acção. Talvez a religião tenha de descer à terra. Talvez seja preciso entrar na política. Sagrada Família é a nova peça de Jacinto Lucas Pires: uma história de amor, desejo, religião e política. Isto é, poder. Com esta encomenda, a Culturgest quis proporcionar ao autor tempo para escrever, sem equipa artística definida nem a pressão de uma data de estreia, assim como oportunidades para discutir o seu trabalho em progresso. Catarina Requeijo estreia-se na encenação.

Culturgest

Preço: €12

Encenação: Catarina Requeijo

Interpretação: Anabela Almeida, Duarte Guimarães, Ivo Alexandre, Joana Bárcia, Miguel Fragata

LIVROS

Na praia ou em casa, o verão é propício à leitura. Este mês, a Artes&Letras e José Mendonça apresentam mais três obras interessantes para expandir a sua biblioteca. Não deixe de ler.



Entre Dois Palácios

Naguib Mahfouz
Civilização Editora, 2007

É a obra mais famosa de Naguib Mahfouz, escritor nascido no Egípto e vencedor do Prémio Nobel da Literatura em 1988. "Entre Dois Palácios", de 1956, é o primeiro volume da chamada "Trilogia do Cairo". Descreve-nos uma cidade fascinante e o seu quotidiano através das suas personagens, de uma forma que quase nos faz sentir termos vivido intensamente todos os acontecimentos marcantes da história do Cairo, durante a primeira metade do Século XX. A pacatez do início do primeiro quartel, a ocupação inglesa, a evolução da sociedade e consequentes querelas políticas e revoluções. Está tudo lá, ao mesmo tempo que nos deixamos enredar num romance que tem por base uma família tradicional egípcia, com os seus costumes, tradições e intrigas. Não se imagina, por isso, que seja possível terminar este primeiro volume sem que automaticamente se tenha vontade de logo partir à aventura do segundo, "O Palácio do Desejo" e o terceiro, "O Açucareiro", que seguem na mesma linha.



A amante holandesa

J. Rentes de Carvalho
Quetzal, 2010

Já aqui, neste boletim, escrevi sobre este autor, sobre Ernestina, um livro maduro. Este livro, *A amante holandesa*, que teve várias edições na Holanda, aparece agora na nossa língua. É a história de dois amigos de infância, com passados distintos: enquanto o "Gato" é um pastor analfabeto, o amigo decide estudar e acaba por se formar em História. O "Gato", sonha ser carteiro mas acaba na estiva, em Amsterdão, e só volta para a aldeia passados quase 30 anos. Cá recorda a mulher e a filha, que deixou na Holanda. Volta para o gado e pede ao amigo que escreva à ex-mulher, sobre as saudades que sente delas. Um certo dia, numa taberna, zanga-se com o amigo e acabam numa rixa. Suicida-se. Algum tempo depois, a filha vem à aldeia para conhecer o local onde ele viveu. Acaba por dormir com o amigo do pai, sem que isso tivesse mais consequências. O namorado vem buscá-la e assim termina o livro.

Os bons livros contemporâneos por José Mendonça



A. M. Pires Cabral *O Cónego*

A .M. Pires Cabral nasceu em Macedo de Cavaleiros. Formou-se em Germânicas, em Coimbra, foi professor e animador cultural e publicou quatro dezenas de livros de poesia, romance, ficção, teatro, ensaio e crónicas. Muitos destes títulos abordam temas e ambientes da realidade transmontana. Recebeu vários prémios de poesia e romance. *O cónego* é o seu quinto romance, e quanto a mim o mais conseguido. Nele se relata a difícil busca da verdade sobre uma figura, que marcou, de forma controversa, a vida de uma pequena comunidade rural. É a história de um cónego, promovido, muito novo, pelo Bispo, e investigado, muitos anos depois, por um jovem sacerdote, Salgueiro Taveira, que vem paroquiar para a sua aldeia, Vilarinho dos Castelhanos, onde se encontrava, em fim de vida, o padre Agostinho. O jovem padre, ouvindo o mais velho falar do cónego, interessou-se pela sua vida e, todas as tardes, investigava sobre ele. Este tinha-se apaixonado, há alguns anos, por uma jovem e linda rapariga, e tivera uma filha. Deixou-as em Bragança e fixou-lhes uma pensão. Não vou contar a história, mas noto que o jovem sacerdote conta, de uma forma magnífica, as suas conversas com o padre Agostinho, de modo a ficarmos a conhecer o cónego, uma personagem cheia de contradições. Recomendo-lhe este livro pois não dará o seu tempo por perdido.



O Cónego

A. M. Pires Cabral
Edições Cotovia, 2007

LÁFORA

Das antiguidades à fotografia contemporânea, há de tudo, lá fora. Se tiver férias programadas no estrangeiro, lembre-se que pode sempre visitar uma galeria de arte.



Grand Palais, Paris

Bienal de Antiguidades

De 15 a 22 de Setembro

A Bienal é um encontro internacional para colecionadores e amantes de obras excepcionais. Marca também a “abertura” do mercado de arte em Paris e estimula numerosas exposições, a nível mundial. Na nave principal, 80 dos maiores antiquários do mundo e 7 casas de alta joalheria apresentam ao público as suas melhores obras: mobiliário e objectos de arte decorativas, esculturas, pinturas e desenhos de antigos mestres, arqueologia e artes primitivas, talheres, prataria, livros raros, moedas e armas dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Tate Modern, Londres

Voyeurismo, vigilância e câmara

Até dia 3 de Outubro

A obsessão com o voyeurismo, com as leis da privacidade ou da liberdade de imprensa, tem sido debatida desde sempre. De um lado está a reserva da vida privada das pessoas, do outro, o direito à informação, o terrorismo e a crescente necessidade de utilização de sistemas de vigilância... Esta exposição “promete, por isso, ser uma mostra intrigante, por vezes chocante, por vezes picante”, já que apresenta fotografias tiradas às escondidas, entre o século XIX e os dias de hoje, que abordam temas considerados tabu. São 250 obras sobre guerra, sexo ou celebridades, de artistas como Brassai, Weegee, Nick Ut, Guy Bourdin, Henri Cartier-Bresson, Philip Lorca DiCorcia, Walker Evans, Robert Frank, Nan Goldin, Lee Miller, Helmut Newton ou Man Ray.



Museu do Prado, Madrid

Salas de Velázquez

O museu do Prado reformulou as suas galerias dedicadas a Velázquez. Além da renovação das salas, que incluiu a melhoria da iluminação, a colecção do artista foi reorganizada, seguindo uma abordagem cronológica e temática. Distribuída por sete salas (anteriormente cinco) a obra do pintor está patente nas seguintes rubricas: Velázquez e o Naturalismo, Velázquez - A viagem para a Itália, Velázquez - A imagem real, Velázquez - Pintura Religiosa, Velázquez - Anões e bufões, Velázquez - Mitológico e Velázquez - Guerra.

PORTO

Depois das férias, o trabalho... mas conjugado com o lazer!!! Em Setembro há muitas exposições para ver e música para todos os gostos e idades.

Exposições

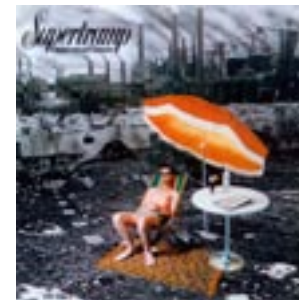
PRAÇA DA ALEGRIA FUTEBOL CLUBE “PROJECTO / PROJÉCTI”: todos os 2os fins-de-semana de cada mês. SERRALVES: “Regresso a casa”. CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA: “O mundo das pequenas coisas”, Fotografias de Ana Pereira e “Resistência. Da Alternativa Republicana à Luta contra a Ditadura (1891-1974)” (até 5 Out) AP’ARTE GALERIA (R. Miguel Bombarda, 221): Colectiva de Pintura-Artistas Contemporâneos (até 11). MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO: “Diferentes modos de sentar”, alunos de Design da Univ.Lusíada, expõem maquetas de assentos contemporâneos (até 15). ESPAÇOS PÚBLICOS e GABINETE DO MUNÍCIPE: “A Floresta Europeia: 25 anos de Portugal na Europa”, 27 árvores-esculturas de Jorge Curval (até 30).

Dança

COLISEU: “Romeu e Julieta” Companhia Moscow Ballet (29)

Cinema

Com entrada grátis no Auditório da BIBLIOTECA ALMEIDA GARRETT (Palácio de Cristal) Ciclo David Griffith (1875 -1948, USA) realizador que explorou a montagem paralela (alternância de 2 ou mais linhas de acção e o salvamento no último minuto) como forma de construir o “suspense”. Introduce o “travelling” e ficou conhecido pelas suas polémicas posições racistas (no “Nascimento de uma Nação”-1915, Griffith exalta o “Ku Klux Klan”). Às 18h30 dias 8, 9,15,16 e 22. “). “D.W. Griffith, Father of Film” e debate com Lauro António (23 às 20h15)



Música

CASA DA MÚSICA: Micaela Vaz, fado (7); “Desejo Sublimado”(10); “Muxima”, homenagem ao Duo Ouro Negro (11); “A Pequena Sereia”, sonoridades aquáticas, Zemlinski (12); “Bruckner Revisitado” (18); “Mario Costa - Homo Sapiens (21); “Tradição Sinfónica e The Wave Pictures”(24); “Chansons Françaises” obras corais do Renascimento (26); “Música de Câmara”(28). CLUBE LITERARIO DO PORTO: “Música e poesia no tempo de Pessoa e Lopes Graça”(3); “A geração romântica de ouro”(17); “Hár Duo A.P.”(24) Curso de jazz da ESMAE(25). COLISEU DO PORTO: “Morangos com Açúcar ao vivo”(19) e Rui Bandeira (25). PAVILHÃO ROSA MOTA: “Supertramp”(14). PIN UP (R. Sá da Bandeira) “Twentyinchburial + Grankapo + Solid”(10). SPOT: “Scream of The Soul”(17). PORTO-RIO: “Noiserv e Mau Amigo”(17), “Uaninauei”(18)

Se não gostar de nenhuma destas sugestões, pode ir ao “Minicurso de práticas de jardim: plantas ornamentais de interior” em SERRALVES (25), às visitas guiadas “Rotas Verdes em Lordelo”(Jardim Botânico, Parque Urbano da Pasteleira, Casa de Serralves), ou às “Quintas à Noite no Museu Nacional Soares dos Reis”.

Como já vem sendo habitual, José Mendonça e António Cabral apresentam as suas opiniões sobre livros e filmes. As preferências das suas vidas só nos podem enriquecer.

Um filme da minha vida

JOSÉ MENDONÇA



Nicholas Ray

Fúria de Viver

Veste filme, pela primeira vez, há mais de 50 anos, no final da década de 50, início dos anos 60. Vi-o várias vezes, a última há cerca de 30 anos. Mas lembro-me como se tivesse sido hoje. Lembro-me como o “calor” da juventude da minha geração, discutiu o filme e criticou o personagem de James Dean. Os restantes personagens éramos nós... Discutiu-se se este seria o melhor filme protagonizado pelo actor, na sua curta vida. Penso que sim, apesar do inegável valor de O Gigante e George Stevens. Foi, por certo, um dos mais influentes desempenhos da história do cinema. James Dean é Jim Stark, um novo miúdo na cidade de Los Angeles, cuja solidão, frustração e raiva reflectiam os sentimentos da juventude da era pós-guerra - e que se repetem 40 anos passados. Nicholas Ray era o grande realizador de Matar ou não matar, Johnny Guitar e Atrás do espelho. N. Ray e J. Dean fazem, neste Fúria de Viver, uma perelha invejável. Infelizmente, a prematura morte do actor veio interromper os projectos que ambos tinham imaginado. Este é, sem dúvida, um grande filme da minha juventude e da minha vida.

Título original: Rebel without a cause
De: Nicholas Ray
Com: Dennis Hopper, James Dean, Natalie Wood, Rochelle Hudson, Sal Mineo
Género: Drama
País/ano: EUA, 1955

Gonçalo M. Tavares Jerusalém

Jerusalém (romance) de Gonçalo M. Tavares foi publicado em 2004. Ganhou o Prémio José Saramago do “Círculo de Leitores” em 2005 e ainda o Prémio Ler-Millennium do BCP. Foi um livro que tocou, além de muitos leitores, homens do teatro, da música e o Prémio Nobel da Literatura. Foi adaptado ao teatro pelo “Bando” com encenação de João Brites e apresentado no CCB em 2008. Foi transformada em libretto de ópera pelo próprio Gonçalo M. Tavares com música do jovem (mas já com provas dadas) Vasco Mendonça e encenação (e mesmo um pouco mais do que encenação) de Luís Miguel Cintra, em 2009. Ambas as versões (teatro e ópera) valem, e bastante, como obras artísticas independentes do romance. No discurso de atribuição do prémio com o seu nome, José Saramago disse: “Jerusalém é um grande livro, que pertence à grande literatura ocidental. Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos: dá vontade de lhe bater!” Ainda duas citações tiradas do programa do CCB: “Sem o mal, não haveria acontecimentos” (Susan Neiman) e “A história do horror é a substância determinante da história” (Gonçalo M. Tavares). Estamos, de facto, perante um romance do Mal e do Horror. O personagem masculino principal, Dr. Theodor Busbak, está a escrever um longo tratado sobre o horror ao longo dos tempos, fazendo, no último volume, futurologia sobre novos e não menores horrores que uns países virão a cometer sobre outros. Todos os personagens ou são loucos - Mylia, Ernest Spengler; ou são médicos de loucos - Dr. Theodor Busbak (marido de Mylvia, que vai perflhar Hass o filho da sua ex-mulher e de um louco), Dr. Gomperz (director do Hospício Georg Rosenberg); ou são filhos de loucos - Hass (assassinado por Hinnerk Obst e filho de Mylvia e Spengler); ou, se o não são, andam muito perto da Loucura - como Hinnerk Obst (ex-combatente dominado pelo medo e vivendo à custa da prostituta Hanna). Hanna é a única personagem que escapa ao rol da loucura. De resto, o Hospício é onnipresente no romance. Mylia, personagem principal, a propósito de Ernest (também louco e pai do seu filho), recorda a frase “se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita”. Mais tarde dirá “se eu me esquecer de ti, Hospício Georg Rosenberg, que seque a minha mão direita”. Há muitos anos (1962), vi um documentário de Mário Ruspoli “Regards sur la folie” onde o autor entrevistava loucos num manicómio. E ao ver o filme, vemo-nos a nós. Os loucos têm as mesmas angústias e obsessões que são as nossas, mas fora de todo o controle. São paixões desconformes, excessivas, para além do suportável. Esse é o mundo de “Jerusalém”. É um romance circular, em que todas as personagens dispersas ao longo do livro têm um significado no final, fechando-se então a tragédia, numa noite que os reúne e os destrói. É a noite das mortes de Hass e de Hinnerk e do encontro de Theodor e Hanna. Um leitor da minha idade, ao ler este romance, não pode deixar de pensar em Dostoiévski.

Um livro da minha vida

ANTÓNIO CABRAL



B
BETAR

**35 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**PONTE SOBRE
O RIO ZAMBEZE,
MOÇAMBIQUE**

